

EDUCAÇÃO E HISTÓRIA DO POVO APURINÃ DE COARI: INDÍGENAS DO RIO COPEÁ E SEUS DILEMAS

*EDUCATION AND HISTORY OF THE APURINÃ PEOPLE OF
COARI: INDIGENOUS PEOPLE OF THE COPEÁ RIVER
AND THEIR DILEMMA*

Cristiane Braz Pereira¹
Claudio Afonso Peres²
Jean Felipe Silva de Abreu³

Resumo: O relato descreve as ações do *campus* Coari, do Instituto Federal do Amazonas em relação às populações indígenas locais. Foram desenvolvidas práticas e projetos, com destaque ao Projeto de Extensão "Indígenas da etnia Apurinã contam suas histórias", que teve como objetivo principal conhecer a realidade dos indígenas Apurinã em Coari e, também, outras etnias para dar visibilidade às suas necessidades e apoiar suas lutas. A pesquisa-ação e participante, baseada no materialismo dialético, foi adotada para promover a transformação social, empoderar os participantes e fortalecer sua identidade étnica. Durante o projeto foi possível perceber o modo de vida, os dilemas, os sonhos e o forte interesse da comunidade em se inserir nos processos educacionais.

Palavras-chave: Apurinã. Coari. Direito indígena

Abstract: *The report describes the actions taken by the Coari campus of the Federal Institute of Amazonas concerning the local indigenous populations. With a focus on the Extension Project "Apurinã Indigenous People Share Their Stories," practices and projects were developed with the goal of understanding the realities of the Apurinã indigenous people in Coari and other ethnicities, bringing visibility to their needs, and supporting their efforts. The research-action and participatory approach, based on dialectical materialism, was adopted to promote social transformation, empower the participants, and strengthen their ethnic identity. Throughout the initiative, it was possible to observe the way of*

¹ Mestranda em Sociedade e Cultura, Professora e Pesquisadora, Instituto Federal do Amazonas *Campus* Coari, IFAM/CCO. cristiane.pereira@ifam.edu.br

² Doutor em Educação, Professor e Pesquisador, Instituto Federal do Amazonas *Campus* Coari, IFAM/CCO, claudioperes@ifam.edu.br

³ Doutorando em Ciência Animal e Recursos Pesqueiros, Professor e Pesquisador, Instituto Federal do Amazonas *Campus* Coari, IFAM/CCO. jean.abreu@ifam.edu.br

life, the dilemmas, the dreams, and the strong interest of the community in getting involved in educational processes.

Keywords: *Apurinã. Coari. Indigenous law*

INTRODUÇÃO

Em face da inexistência de histórico de dados no âmbito do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (IFAM) sobre a realidade indígena no município de Coari, bem como do vazio de produções científicas sobre a temática, a equipe do NEABI enfrentou dificuldades em encontrar informações sobre os povos indígenas da região ao reiniciar as suas atividades após o período de pandemia. Naquele momento, a causa indígena em Coari era ignorada pelos integrantes do *campus*, os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) apresentavam a existência de apenas uma terra com três aldeias e, em geral, em Coari não se percebia a presença indígena. Naquele momento, os indígenas de Coari pareciam invisíveis para o IFAM.

Nesse sentido, com a finalidade de dar visibilidade aos povos tradicionais coarienses é que esse trabalho e outras ações foram desenvolvidos. Com efeito, foi possível iniciar a obtenção de conhecimentos sobre a realidade indígena local por intermédio de parcerias com a Associação União dos Povos Indígenas de Coari (UICAM) e com a Gerência de Educação Indígena da Secretaria Municipal de Educação de Coari (SEMED).

Merece destaque, também, o trabalho conjunto com o Núcleo de Formação Humana e Pesquisa Aplicada à Pesca e Aquicultura (NUPA) do *campus* Coari, que desenvolve projetos financiados de manejo comunitário de pirarucu, o qual contribuiu com as visitas à Comunidade São José da Fortaleza, da etnia Apurinã⁴, no Rio Copeá, em viagem que dura cerca de 8 horas em barco regional e 3 horas em lancha (Figura 1).

Figura 1: Localização da Comunidade São José da Fortaleza.



Fonte: próprios autores, 2022.

* Segundo a Associação União dos Povos Indígenas de Coari, a etnia Apurinã possui 168 membros com 59 famílias, localizada na área rural do município, à margem

direita do Paraná do rio Copeá. A aldeia possui a seguinte localização: S 03° 40' 29"/ W 63° 41' 59"

Nas visitas, desenvolvemos ações do Projeto de Extensão, tais como pesquisa e levantamento de dados acerca de necessidades educativas dos povos indígenas, para contribuir com o Acordo de Cooperação Técnica firmado entre o IFAM e a Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI) no ano de 2022.

Essas ações, que tiveram como base a observação participante (OLIVEIRA; SANTOS; FLORÊNCIO, 2019) no diálogo com a pesquisa-ação (THIOLLENT, 2022), valorizando as narrativas como fontes primárias para compreender os processos de exclusão e promover a transformação social desejada pela comunidade (FALS BORDA, 1984) geraram uma compreensão inicial da história dos Apurinã de Coari, suas lutas e conquistas, além de estabelecer laços afetivos e efetivos com a comunidade. As ações relatadas chamam a atenção para a perspectiva dos estudos culturais (HALL, 2019) e da interculturalidade crítica (WALSH, 2010), considerando os descentramentos que vivem as comunidades indígenas e não indígenas na atualidade, face o avanço global das tecnologias de comunicações e transporte. A perspectiva do liberalismo

Durante a roda de conversa com professores, os docentes esclareceram que a escola é aberta a todos e é composta por três grupos: indígenas da etnia Apurinã, indígenas de outras etnias e não indígenas. Esses últimos, atualmente, estão em menor quantidade. Os professores explicaram que a disciplina na aldeia é bem diferente do que se vê nas áreas urbanas, que os alunos são mais disciplinados. Segundo a professora Eliete Brito da Silva, os alunos têm orgulho de serem indígenas, cantam músicas, não sentem vergonha de se pintar e vestir

dirigido pelos interesses do mercado tende a excluir aqueles que são diferentes e que não participam da lógica do mercado. Nesse sentido, o Instituto Federal do Amazonas, por intermédio dos projetos inclusivos como esse ora relatado, tem o potencial para minimizar os impactos negativos e colaborar para promover o desenvolvimento inclusivo, com justiça social.

ESCUTANDO E RESSIGNIFICANDO CONHECIMENTOS

Na primeira visita à comunidade, estabelecemos os laços iniciais, dialogando de forma aberta com professores, lideranças e comunitários, na comemoração do dia alusivo à Semana da Pátria, conduzimos parte da Fanfarra do *campus*, que abrilhantou o evento, fato inédito na comunidade. Na segunda visita, fomos acompanhados de uma equipe multidisciplinar que nos apoiou no atendimento às crianças, com atividades lúdicas, esportivas e culturais, enquanto realizávamos entrevistas e rodas de conversa com professores e com demais membros da comunidade.

roupas tradicionais, principalmente os dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

No meu ver, eu vejo diferença por modalidade. Tipo eu trabalho com o primeiro aninho, meus alunos são ótimos, eu consigo manter eles na disciplina perfeito. Eles conhecem as tradições indígenas, eles gostam de dizer 'ai...' tem dia de evento indígenas eles não têm vergonha nenhuma de se pintar, eles não têm vergonha nenhuma de vestir a roupa, eles querem ser indígenas, eles cantam musiquinhas. Então lá debaixo a gente ainda está conseguindo manter a tradição deles, agora a turma já do ensino

fundamental a diferença já é grande (Professora Eliete Brito da Silva, indígena Kokama- comunicação oral em 14/10/2022)

(Geniuda Brito da Silva, indígena Kokama- comunicação oral em 14/10/2022)

É possível observar que os alunos indígenas dos anos finais do Ensino Fundamental, que cresceram na escola, possuem um apego às tradições, porém são influenciados, de certa forma, por alunos de outras comunidades e pelos não indígenas. A consequência disso é que esses alunos começam a sentir vergonha da sua cultura e quando vão à cidade não se apresentam como indígenas, com medo de sofrer preconceito devido às suas origens.

Na conversa (Figura 2), os professores demonstraram preocupação sobre a saída dos jovens da comunidade para estudar na cidade, sobre a perda da identidade. A docente Geniuda Brito da Silva reforçou o entendimento reafirmando que os jovens, por serem muito influenciados, acabam perdendo a sua identidade num meio que não valoriza e que, muitas vezes, não respeita a cultura dos povos originários, justificando assim o receio das lideranças sobre a saída dos jovens para estudar. Os docentes do IFAM informaram sobre o baixo número de alunos que se identificam como indígenas na Instituição e a professora Geniuda salientou que provavelmente o número de alunos indígenas na instituição é bem maior, contudo eles não se manifestam por causa da vergonha, do preconceito.

Querendo ou não, eles são influenciados por isso, não se identificam. Aí vem a questão do preconceito, a pessoa fica intimidada, sente envergonhado. Por isso que eles falaram aí né, no IFAM né, poucos alunos que se identificam, né. Vai ver que tem muitos indígenas, mas não querem se identificar por causa do preconceito.

Os docentes relataram o desejo dos estudantes de seguirem determinadas profissões no futuro, ainda assim, apesar do incentivo dos professores na comunidade, existem vários jovens que terminaram o Ensino Médio e não deram prosseguimento nos estudos. O primeiro grande entrave parece ser o acesso às informações. Sem sinal de telefonia, internet e com precário sistema de abastecimento elétrico (gerador a diesel) na comunidade, não é possível o acesso sistemático às informações sobre oportunidades de formação.

Apesar de terem conhecimento do avanço na conquista de alguns direitos, eles muitas vezes são impedidos de acessar esses direitos, em face do isolamento. Nesse sentido, visualizamos a possibilidade da colaboração do NEABI, começando por mantê-los informados sobre a abertura de processos seletivos para cursos diversos (técnico- profissionalizante) e auxiliar na inscrição dos comunitários, professores e alunos. Uma vez inscritos, fortalece a luta para frequentar essas formações, luta que perpassa pelo acesso à transporte, alojamento e outras necessidades, assim como o pagamento de bolsas de estudo.

A professora Eliete salientou a importância do incentivo das universidades para ajudar esses jovens de comunidade que, muitas vezes, não conseguem ver uma oportunidade por causa da sua difícil realidade de vida. "Acho que o que está mais impactando nossos jovens hoje em dia é realmente a falta de incentivo das universidades, porque o tanto que a gente já formou aqui no Ensino Médio e tão aqui parado" (Eliete Brito da Silva, indígena Kokama).

Figura 2: Roda de conversa com comunitários



Fonte: próprios autores, 2022.

Ao ser proposta a reflexão sobre qual tipo de curso e formação interessaria aos indígenas da aldeia, apareceu o ensino híbrido como uma solução, na forma da pedagogia da alternância, em todos os níveis e modalidades de ensino, como ensinam Bacich (2015) e Cordeiro, Reis e Hage (2011), respectivamente. Parte da formação se daria na Aldeia, com os professores visitantes do IFAM; parte na sede do município, com transporte e alojamento viabilizado por conta de parcerias entre a FUNAI e/ou Prefeitura. Além disso, seria realizada a mediação com material didático previamente preparado, e agora, a curto prazo, com mediação pela internet, já que parece não tardar a chegada da internet satelital sustentada por energia solar na comunidade.

Além das modalidades de ensino superior, pós-graduação, PROEJA e cursos técnicos subsequentes, chama atenção a demanda por cursos técnicos de curta duração, como na área da saúde, da informática, do manejo do pescado e,

percebemos, dentro em breve da inclusão digital. Para esses cursos, não haveria a necessidade de sair da comunidade, dilema que dominou boa parte das conversas. Alguns professores consideram um risco a saída da aldeia, outros veem com naturalidade, pois de alguma forma, esse jovem poderia contribuir com seu povo, voltando ou não para a aldeia: “Eu creio que ele deve voltar e preservar a cultura dele. Mas também eu creio que permanência aqui, não sei! É minha opinião. Eu penso dessa forma. Se fosse eu, voltaria, daria minha contribuição quatro, cinco anos aí” (professor Alenir Carvalho de Oliveira, indígena Tikuna).

Na oportunidade, perguntamos a uma jovem indígena, aluna do IFAM, voluntária no projeto, sobre a profissão que gostaria de seguir e se existia nela a vontade de voltar a morar na sua comunidade indígena de origem. A discente relatou que gostaria de seguir na sua formação atual, técnica em informática para internet, e que não tem a

intenção de voltar a morar na comunidade, por não haver oportunidade de emprego nesse local. “Eu penso seguir, mas como estava falando né, tipo ser indígena, mas não voltar para a comunidade, tipo isso. Porque é mais oportunidades, entendeu” (aluna Kethelen da Silva Costa).

Uma das professoras reprovou o pensamento da aluna alegando que o verdadeiro indígena é aquele que quer viver junto dos seus. Isso causou um certo desconforto na discente que insistiu na tentativa de deixar claro que ela tinha orgulho das suas origens, mas que a saída da comunidade proporcionou a ela oportunidades que não teria se não sáísse, como, por exemplo, seu ingresso no Instituto Federal.

O aluno do IFAM, Edson Rodrigues, também idealizador da TV Coari, um canal digital amplamente acessado no município, pertencente à etnia Kambeba, voluntário do projeto, também colaborou com a discussão. Ele argumentou que para o seu povo era tradicionalmente proibido viver fora da aldeia, porém esse pensamento foi mudando ao longo do tempo. Relatou que uma parte da sua vida foi em comunidade rural, na sua aldeia:

A Etnia Kambeba tem a tradição de nenhum dos seus integrantes sair da comunidade. (...) eu tive que sair da minha comunidade. Nasci e me criei na zona rural até meus quinze anos e por falta de oportunidade, falta de estudo com dez anos eu entrei na escola. (...). Então, fui para a cidade estudar, foi daí que comecei ter essa aproximação de buscar a minha identidade, né. Então abriu-se uma ala para mim, hoje estou voltando à comunidade que nasci trazendo essa boa nova. (Edson Rodrigues, indígena Kambeba- comunicação oral em 14/10/2022).

A Cacica Maria Dione completou a discussão, revelando o seu grande sonho que é ver a sua comunidade bem estruturada com internet, escola bem equipada, casas de alvenaria, energia elétrica, equipe de saúde etc. como algumas comunidades que já conheceu. Pois entende que é preciso melhorar a qualidade de vida do indígena para que, aqueles que queiram, continue vivendo no seu habitat de forma tradicional.

Professor, sempre eu digo que se eu não morrer daqui a 5 a 10 anos, se eu não morrer. Eu tenho tanta fé no meu Deus, no Tupã que vai me ajudar, eu quero ver a minha aldeia como o rio Cuieiras, né. A comunidade indígena Três Unidos que é, fui lá numa conferência de estado de políticas indígenas lá. Uma comunidade, uma aldeia organizada, sempre digo para os meus professores, né. Falo aqui pra eles: informática, tem o posto de saúde indígena, restaurante... É o meu sonho... (Cacica Maria Dione, indígena Apurinã- comunicação oral em 14/10/2022).

Na roda de conversa com os comunitários, que foi realizada durante à noite, a Cacica Maria Dione enfatizou que luta muito pelos jovens da comunidade para que tenham formação e assim possam desenvolver e melhorar a vida de toda a aldeia. Ela relatou mais uma vez o dilema sobre a saída do jovem da comunidade, defendendo aquilo que chamamos recentemente de ensino híbrido, associado à pedagogia da alternância “são esses daí que eu brigo para terem uma faculdade, se desse pra ser, seria aqui. Fazia aqui, um pouco, e fazia outro lá” (Cacica Maria Dione, indígena Apurinã).

Nessa mesma conversa, um professor da comunidade vizinha, graduado em

pedagogia intercultural pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM), relatou sua significativa experiência, destacando alguns desafios para o estudante indígena:

Vou falar um pouco da minha experiência. Nossa experiência enquanto Licenciatura Intercultural Indígena, devido à distância, foi bastante complicado em termos financeiros por parte do Governo Federal. Quando entrou esse governo que está aí, no governo passado, houve bastante cortes de verbas e isso complicou bastante. Era um curso de Licenciatura pra terminar em 5, passamos 8 anos estudando. Aí na maioria dos colegas, parentes aqui, eu já penso nisso, né. Inscrever num curso para durar 5 anos, 4 anos, que seja. Aí acaba recursos, verbas, e vai alongando, passando anos e anos para terminar. Alguns têm família, e é bem difícil sair daqui da aldeia para estudar na cidade, mesmo que seja Coari. Mas é bem difícil se manter a família, ou seja, uma pessoa que vai para a cidade com sua família, ou deixa ela aqui e vai sozinho. Bastante difícil. Quanto a experiência, passei fome, passei tudo o que um universitário passa. (Raucione Miranda Gomes, Indígena Apurinã- comunicação oral em 14/10/2022).

Apesar do entusiasmo com a educação em suas várias formas e níveis estar presente em todos os aldeados, percebemos que a memória da comunidade está se perdendo, que os relatos históricos mais significativos partem apenas da líder da aldeia, a cacica Maria Dione.

Em entrevista, a líder compartilhou a história de seus antepassados que migraram para a região por volta do ano de 1917. Eles passaram por várias localidades antes de se estabelecerem em São José da Fortaleza, enfrentando resistência ao reconhecimento indígena devido ao medo que tinham da hostilização dos não

indígenas “Assim, muitas vezes eles pediam, assim pra nós ser reconhecido. O meu pai não deixava nós ser reconhecido como indígena, porque tinha medo da morte que matavam muitos indígenas” (Cacica Maria Dione, indígena Apurinã).

Apesar das dificuldades, atualmente, a comunidade é desenvolvida, com fartura de alimentos, escola e autonomia financeira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto atingiu seus objetivos ao conhecer e divulgar a história e lutas do povo Apurinã, tendo impacto positivo nas atividades acadêmicas e na comunidade. A participação ativa da comunidade indígena, juntamente com parcerias e colaboradores, foi fundamental para o sucesso do projeto.

A partir deste Projeto, o NEABI desenvolveu e está desenvolvendo várias outras atividades e projetos na área indígena, com ampla participação das comunidades. Espera-se que as ações realizadas inspirem futuras iniciativas voltadas para valorização e inclusão das culturas e tradições dos povos originários.

REFERÊNCIAS

AUSUBEL, David. *Aquisição e retenção de conhecimentos: uma perspectiva cognitiva*. Lisboa: Plátano, 2003.

BACICH, Lilian; NETO, Adolfo Tanzi; DE MELLO TREVISANI, Fernando. *Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação*. Penso Editora, 2015.

COSTA, Xavier Besalú. *Diversidad cultural y educación*. Síntesis, 2002.

CORDEIRO, Georgina; REIS, Neila; HAGE, Salomão. Pedagogia da Alternância e seus desafios para assegurar a formação humana dos sujeitos e a sustentabilidade do campo. *Em Aberto*, v. 24, n. 85, 2011.

BORDA, Orlando Fals. Aspectos teóricos da pesquisa participante: considerações sobre o significado e o papel da ciência na participação popular. *In: BRANDÃO, C. R.* (Ed.). *Pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

FREIRE, Paulo. *Educação e Atualidade Brasileira*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019.

WALSH, Catherine et al. Interculturalidad crítica y educación intercultural. *Construyendo interculturalidad crítica*, v. 75, n. 96, 2010, p. 167-181.

OLIVEIRA, Ana Cristina Barbosa de; DOS SANTOS, Carlos Alberto Batista; FLORÊNCIO, Roberto Remígio. Métodos e técnicas de pesquisa em educação. *Revista Científica da Faculdade Sete de Setembro*, v. 13, n. 21, 2019.

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. 18.ed. Livro Eletrônico. Cortez, 2022.